
Sociedade, cultura e poder com alma

As movimentações pelas ruas e pelas redes digitais mostram que as velhas dicotomias entre opressores e oprimidos, conservadores e progressistas, esquerda e direita, competitivos e cooperativos, celebridades e anônimos ainda estão sob os principais holofotes, muitos deles com cores hedonistas e projeções de autoenganos democráticos. Todos esses temas são importantes, mas se igualam na estrutura do pensamento que coopta ou elimina seus críticos manifestos.

A dificuldade de busca por fontes alternativas ao pensamento político dominante está associada a uma questão de fundo que é o conflito entre os modelos mentais de colonizado e não colonizado. Este é o tema do livro *A Imaginação Emancipatória* (Ed. UFMG, 2015), do pensador indiano Ashis Nandy, com textos selecionados pela professora Lúcia Rabello de Castro, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ashis Nandy (79) sustenta que o modelo mental de colonizado só será superado quando combatido no plano psicológico e cultural, e não em estratégias de contraviolência e suas táticas segregadoras e consumistas como hipóteses cidadãs. Nesse ponto, o autor se aproxima do líder rebelde sul-africano Nelson Mandela (1918 – 2013), pois ambos desenvolveram a convicção de que a emancipação dos mundos colonizados não se dará pela incitação do ódio ao colonizador.

Ele fala da infelicidade dos vitoriosos quando chegar o dia em que os que acumularam riqueza e poder explorando pessoas e destruindo os recursos naturais se sentirem humilhados ante a opinião pública. Se, ou quando, isso acontecer, os derrotados verão que não foi de todo inútil o seu sofrimento. Mas isso somente ocorrerá quando a sociedade puder sentir o significado da jornada do viver com um simples fechar de olhos ou saindo das molduras hegemônicas para escapar da ideia de felicidade como algo que pode ser adquirido.

Céus e infernos fazem parte da vida: “Pode-se ir ao céu e voltar, hospedar-se ou lutar com um deus ou demônio com impunidade, falar com uma árvore ou com os pássaros ao longo de um único dia e retornar sua vida social normal na manhã seguinte” (p.132). Ashis Nandy considera mais heroica a atitude dos que aceitaram a subjugação colonial, podendo assim guardar consigo os elementos essenciais da sua espiritualidade, do que a postura digna dos que não aceitaram a dominação e desapareceram juntamente com seus deuses.

É espetacular a análise que ele faz da estrutura cognitiva de figuras emblemáticas do seu país, como o escritor Rudyard Kipling (1862 – 1936) e o líder espiritual Sri Aurobindo (1872 – 1950). Kipling, criado na mais autêntica cultura indiana, tornou-se um ideólogo do direito da sua gente ser governada pela Grã-Bretanha, e Aurobindo, que foi educado para negar sua origem e ver a Inglaterra como sociedade ideal, lutou intensamente pela derrota do domínio britânico.

O pensamento de Nandy é fundamental para quem estiver disposto a rever conceitos de políticas civilizatórias. Nele, pode-se vislumbrar a sociedade como eixo do poder, mas a cultura como a alma da sociedade e do poder. A pauta comportamental do momento precisa ser sacudida por esse tipo de debate voltado para a valorização da cultura, de modo que não sigamos à mercê de poderes sem alma e sua obscura briga do poder pelo poder.